

# A FORMAÇÃO DO PADRÃO PERIFÉRICO DE URBANIZAÇÃO A PARTIR DA TRANSIÇÃO RURAL-URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

*João Paulo França Strepco*<sup>1</sup>

Doutorando em História Econômica pela FFLCH-USP

jstreapco@usp.br

## **Resumo**

Ao longo dos últimos meses, realizamos uma pesquisa que tem por objetivo apresentar aspectos da transição rural-urbana ocorrida na cidade de São Paulo entre os séculos XIX e XX. Em nossa hipótese, uma melhor compreensão acerca desta transição, permitirá compreender como se gerou o padrão periférico de urbanização que caracteriza o processo de ocupação de diversas áreas da cidade de São Paulo.

Para a realização desta pesquisa, usamos como referência alguns dos elementos daquilo que o sociólogo Gabriel Bolaffi definiu por *variáveis menos evidentes e mais profundas* do processo de formação das periferias paulistanas.

Entre estes elementos de referência, buscaremos apresentar algumas evidências de um processo de ocupação das áreas suburbanas e rurais do município, a partir do estabelecimento de chácaras, fazendas e pequenas propriedades, onde a produção agrícola, de subsistência ou para o fornecimento aos mercados da cidade, tinha uma função estratégica para a alimentação dos moradores da cidade, ao longo do período estudado.

Apresentaremos algumas das fontes que referenciam nossa pesquisa e os desafios colocados para encontrar dados estatísticos acerca desta produção, em alguns períodos históricos e o trato com os dados encontrados em algumas estatísticas.

## **Palavras-chave**

São Paulo, urbanização, periferia.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

### **Apresentação**

Este trabalho se relaciona com a pesquisa de doutorado que realizamos na atualidade, com o objetivo de desvendar aspectos da urbanização de São Paulo que se vinculam com a formação daquilo que alguns autores definem pela expressão *padrão periférico de urbanização*<sup>1</sup>.

Gabriel Bolaffi explica como a expressão periferia adquiriu nova semântica em São Paulo:

“Quando políticos e administradores falam em periferia, não se referem necessariamente às áreas exteriores mais distantes do centro urbano. Referem-se aos setores da cidade precariamente atendidos por serviços públicos, nos quais os valores imobiliários são suficientemente reduzidos para serem suportados pelas populações de baixa renda... À primeira vista, a constituição da periferia decorre da existência de grandes contingentes de população de baixa renda, mas, embora isso seja verdadeiro, o fenômeno só pode ser explicado e apreendido em toda sua complexidade pela análise de outras variáveis, menos evidentes e mais profundas, que atuam na dinâmica do crescimento metropolitano”<sup>2</sup>.

Nossa proposta aqui é refletir acerca de uma destas variáveis *menos evidentes e mais profundas* que atuaram na formação do espaço metropolitano paulistano: a ocupação dos espaços suburbanos e rurais de São Paulo com atividades agropastoris em concomitância ao processo de expansão urbana que gerou a metrópole, para tentar compreender como nestas áreas rurais e suburbanas paulistanas se deu o processo de transição de uma economia fundada em práticas agrícolas de subsistência para a economia industrial.

Em nossa hipótese, os setores agropastoris da cidade produziram excedentes ao longo do período estudado, além de permitirem a sobrevivência de parcela considerável

---

<sup>1</sup> MARICATO, E. (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. PP. 57-63.

<sup>2</sup> BOLAFFI, G. Habitação e urbanismo: O problema e o falso problema. (In:). MARICATO, E. *A produção capitalista da casa (e da Cidade) no Brasil Industrial*. PP. 57



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

da população, em regime de subsistência. Paul Singer, quando analisa o desenvolvimento urbano e industrial, indica que a economia urbana jamais é autossuficiente, já que uma das atividades produtivas essenciais para a existência humana, a produção agrícola, não pode ser desenvolvida em seu meio.

Seguindo seu raciocínio, indica que a investigação da economia citadina “pressupõe o exame de uma área mais ampla, dentro da qual se dá a divisão de trabalho entre a agricultura e os setores produtivos que se localizam na cidade”. O autor utiliza a expressão *hinterland* para definir as áreas rurais que se vinculam a um núcleo urbano como fornecedoras do excedente da produção agrícola<sup>3</sup>.

Em nossa pesquisa, verificamos que alguns autores defendem que a urbanização de São Paulo não decorre apenas do crescimento da área urbana tradicional, a partir do chamado triângulo central, mas pela combinação do crescimento desta área com o crescimento de outros núcleos de urbanização nas áreas suburbanas e rurais<sup>4</sup>, que deram origem a diversos bairros da periferia paulistana.

Aparentemente, as atividades agropastoris conviveram ao longo deste período com a formação de um amplo mercado de terras, em processo especulativo, estimulado pelo crescimento vertiginoso da população e por possibilidades de lucros que outros setores não ofereciam. Ainda que não tenhamos clareza de como as áreas agropastoris foram incorporadas ao processo urbano e especulativo, temos evidências da coexistência dos dois fenômenos, produção agropastoril nas áreas não urbanizadas do município e especulação imobiliária, até pelo menos a década de 1980, em pleno processo de expansão do padrão periférico de urbanização.

Bolaffi afirma que “o padrão periférico de crescimento decorre da existência de mecanismos econômicos que conferem ao solo urbano funções econômicas alheias à sua utilidade intrínseca enquanto bem natural e ao papel que deveria desempenhar na

---

<sup>3</sup> SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. PP. 7.

<sup>4</sup> WILHEIM, Jorge. *São Paulo Metrópole 65*. PP. 32. MEYER, Regina Maria Prosperi; GROSTEINS, Marta Dora; BIDERMAN, Ciro. *São Paulo metrópole*. PP. 34 - 35.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

composição e na organização do espaço requerido para as atividades públicas ou privadas da população”<sup>5</sup>. O autor indica como o processo desencadeado pelo uso especulativo do solo cria o crescimento autoalimentado da periferia e forma um conjunto de características que comprometem a qualidade de vida de todos os habitantes da metrópole<sup>6</sup>.

As origens deste processo não são tão evidentes, mas a especulação com a terra estava em funcionamento em meados do século XIX. Existe a percepção por parte de alguns autores de que o investimento de capitais excedentes do café no ramo imobiliário decorria das limitações do setor industrial, ainda incipiente no Brasil<sup>7</sup>.

Para Marta D. Grostein, a partir do final do século XIX, deu-se o surgimento de uma nova modalidade de investimento: o lote urbano. Segundo a autora, “o lote urbano se transforma em alternativa de investimento – em substituição a outras mais inseguras no momento – à medida que incorpora valores gerados pela potencialidade de sua localização e pela expectativa de investimentos públicos”<sup>8</sup>.

Acerca dos lucros obtidos no século XIX com especulação urbana, naquele que é considerado o bairro planejado mais antigo, Singer indica que o negócio realizado em São Paulo, por Frederico Gleite na gleba que deu origem ao bairro dos Campos Elísios, rendeu-lhe 800% de lucro<sup>9</sup>.

Aparentemente, quando o processo especulativo se formou, as terras que posteriormente foram incorporadas às áreas urbanas da cidade, já estavam parcialmente ocupadas por uma população que não costuma ser celebrada pelas *tradições inventadas*, *mitos imigrantistas* ou *bandeirantistas*. Estas populações desempenharam papel importante na produção de alimentos e abastecimento do núcleo urbano central que

---

<sup>5</sup> BOLAFFI, G. Habitação e urbanismo: O problema e o falso problema. (In:). MARICATO, E. *Op. Cit.* PP. 58.

<sup>6</sup> *Idem.* PP.58

<sup>7</sup> BONDUKI, N. Origens da habitação social no Brasil. PP. 45.

<sup>8</sup> GROSTEIN, Marta D. *Cidade clandestina. Os ritos e os mitos; o papel da "irregularidade" na estruturação do espaço urbano no município de São Paulo, 1900-1987.* PP. 58.

<sup>9</sup> SINGER, P. *Op. Cit.* PP. 36.



**A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

crescia a partir da formação do complexo cafeeiro e tiveram que lidar com o processo especulativo.

Quais os efeitos destes processos especulativos no modo de viver destas populações, como foram incorporadas aos espaços urbanos e como fizeram para lidar com o adensamento populacional e a perda das áreas onde cultivavam pequenas hortas, mantinham criações de pequenos animais ou pomares, são questões fogem da proposta deste trabalho e que pretendemos responder no decorrer da pesquisa que realizamos.

Entretanto, parece-nos evidente que estas populações contribuíram para a expansão econômica da cidade, seja por abastecerem os mercados, seja por se empregarem como trabalhadores industriais com salários restritos, salários estes que só foram praticáveis, porque estes trabalhadores conseguiram em boa parte do século XX, complementar o necessário para a sobrevivência a partir das pequenas criações, hortas e pomares que mantinham em suas casas, em seus quintais, em suas chácaras.

Em nossa hipótese, existe relação entre o desaparecimento destes espaços da paisagem paulistana, no decorrer do século XX, com a formação do *padrão periférico de urbanização*. O desafio é indicar quais são todos os fatores envolvidos no processo e suas consequências para o contexto paulistano contemporâneo.

Bolaffi indica a existência de uma prática governamental que combina aspectos fundiários e tributários que permite a “transformação da propriedade imobiliária no santuário da especulação parasitária que persegue o lucro sem risco”<sup>10</sup>, especulação esta que em nossa hipótese, tem relação com o desaparecimento das chácaras e pequenas propriedades das áreas suburbanas e rurais. Segundo o autor

“a evidência mais saliente dos fenômenos que procuramos explicar é constituída pelos valores imobiliários que, há décadas, ainda que com curtos períodos de exceção, se elevam sistematicamente a índices superiores aos da inflação. Mas qual é a origem desse valor excedente? O fenômeno só encontra explicação no fato de que uma parte

---

<sup>10</sup> *Idem*. PP. 66.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

considerável da riqueza criada no país transfere-se continuamente dos cofres públicos para aqueles proprietários de imóveis, sem que para isso seja necessário qualquer tipo de ação empresarial, nenhum investimento produtivo, nenhuma espécie de risco”.<sup>11</sup>

Para este trabalho, apresentaremos algumas das evidências encontradas em nossa pesquisa para a maneira como as áreas suburbanas e rurais de São Paulo foram ocupadas desde o século XIX, quando o crescimento populacional de São Paulo tomou proporções dramáticas e os desafios que as fontes consultadas nos apresentam.

### **A ocupação das áreas suburbanas e rurais de São Paulo entre os séculos XIX e XX**

Para discutir o processo de desenvolvimento da cidade de São Paulo, Paul Singer apresenta dados interessantes acerca do perfil da cidade na década de 1860. Quase metade da população do município (46%) vivia na área rural. Não havia separação nítida entre zona rural e zona urbana. O abastecimento dos moradores provinha em sua maior parte da própria produção da cidade.

Ao se apropriar das estatísticas de Daniel P. Muller, Singer aponta que na década de 1830, a Capital era a maior produtora de chá e de telhas da província, a segunda em gado cavalariço, a terceira em gado mular e na produção de farinha de mandioca, a quinta em lanígero e na produção de aguardente, a sexta na produção de algodão em rama e a oitava em gado bovino<sup>12</sup>.

Trata-se, portanto, de uma cidade que combina traços de cidade administrativa, sede de governo, com traços rurais, onde a produção agrícola apresenta grande importância para a sobrevivência de seus habitantes.

---

<sup>11</sup> *Idem*. PP.66.

<sup>12</sup> *Idem*. PP. 26. (Citado por Odilon N. Matos, “São Paulo no século XIX”, in a *Cidade de São Paulo*, vol. II, Assoc. dos Geógrafos Brasileiros, PP.61/2). Apresentaremos os dados de Daniel P. Muller mais adiante.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Ao pesquisar a presença de diversos grupos étnicos e de nacionalidades diversas em São Paulo, na virada do século XIX para o século XX, Carlos José Ferreira dos Santos lembra que

“os nacionais pobres vivenciaram cotidianamente as transformações populacionais na Pauliceia, criaram e experimentaram formas de existência alternativas, representadas pelo modo como sobreviviam, manifestavam-se culturalmente e interagiam com a ordem que se tentava construir, sendo por isso frequentemente considerados indesejados, indolentes e perigosos”<sup>13</sup>.

Santos apresenta um relato do dr. Rubião Meira, que organizou o Anuário Estatístico da Seção de Demografia de 1903, em que este afirma a predominância de trabalhadores pobres nacionais nos distritos de São Miguel, Penha e Nossa Senhora do Ó<sup>14</sup>, áreas que cresceram apartadas da expansão urbana gerada pelo crescimento da área tradicional da cidade.

A presença de uma população habituada ao cotidiano rural, que produzia gêneros agrícolas para sua sobrevivência e abastecimento de mercados está documentada em algumas das fontes consultadas para este trabalho. Jorge Americano relata que

“Nossa chácara (6 alqueires), na Quinta Parada (hoje rua Tuiuti, no bairro do Tatuapé), estava arrendada a um chacareiro por 100 mil réis mensais. Ele tinha dez empregados e trazia cada madrugada o carro de verduras ao “Mercado Grande”. Vendia como podia, juntava o lixo que podia dentro do carro, para servir de adubo. Trazia o filho de quatorze anos para ajuda-lo”<sup>15</sup>.

Ao citar outros memorialistas do início do século XX, Maria Inez Borges Pinto indica a existência destas chácaras nos subúrbios à margem da *Central do Brasil*, no

---

<sup>13</sup> SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890 – 1915)*. PP.63-64

<sup>14</sup> *Idem*. PP. 69.

<sup>15</sup> AMERICANO, J. *São Paulo naquele tempo (1895 – 1915)*. PP. 102.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

caminho entre o centro e o bairro de Pinheiros, na Vila Mariana ou mesmo na região central, onde no Vale do Anhangabaú, ainda se cultivava chá no início do século XX<sup>16</sup>.

A contribuição desta população para a formação da metrópole de São Paulo, entretanto, é pouco conhecida e subestimada pela bibliografia que estuda o fenômeno da urbanização da cidade, ainda que o estabelecimento de um convívio entre imigrantes e nacionais nas vizinhanças dos cortiços e dos bairros mais pobres marcado pela tensão, pela informalidade das ocupações e da economia, assim como pela troca entre trabalhadores informais e assalariados, estejam documentados pela historiografia<sup>17</sup>.

João Manuel Cardoso de Mello indica que no Brasil, enquanto esteve em vigor uma agricultura escravista de exportação, aos homens livres e pobres foram cedidos terrenos em faixas que não eram aproveitadas pela produção mercantil e escravista<sup>18</sup>. Estes homens pobres e livres produziram sua subsistência, e assim continuaram a proceder, mesmo após a abolição da escravidão.

Carlos José Ferreira dos Santos encontrou diversos vestígios da atuação destes trabalhadores em São Paulo, na virada do século XIX para o XX e aponta a importância da atuação destes trabalhadores para os demais habitantes de São Paulo, uma vez que

“o mercado de rua exercido pelos caipiras barateava o preço de alguns produtos e auxiliava o viver cotidiano de vários paulistanos, colaborando mesmo, por um bom tempo, com o próprio desenvolvimento urbano da cidade, por facilitar a circulação de alimentos e outras mercadorias produzidas nas áreas mais distantes”<sup>19</sup>.

Ao analisar o desenvolvimento industrial e crescimento urbano no Brasil, João Manuel Cardoso de Mello indica que “a oferta agrícola parece ter respondido

---

<sup>16</sup> PINTO, Maria Inez B. *Cotidiano e sobrevivência*. PP. 130 – 131.

<sup>17</sup> *Idem*. PP. 16 – 17. Em prefácio da obra, a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias chama a atenção para o fato de que a informalidade e seus impactos na economia brasileira são temas discutidos pela historiografia desde a obra de Caio Prado Jr.

<sup>18</sup> MELLO, J. M. C. de. *O capitalismo tardio*. PP. 78.

<sup>19</sup> *Idem*. PP. 107.





## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

adequadamente à intensa pressão da demanda urbano-industrial, valendo-se do deslocamento da fronteira agrícola, do melhor aproveitamento das terras do latifúndio, da expansão da pequena produção mercantil e, mesmo, em alguns momentos, da reconversão das atividades de exportação”<sup>20</sup>.

Parte desta produção agrícola se deu nas áreas suburbanas e rurais da cidade de São Paulo, por esta população identificada por Carlos José Ferreira dos Santos pela expressão “*trabalhadores nacionais*”. Algumas pistas indicam que os estrangeiros também estiveram presentes nas áreas rurais e suburbanas como agricultores<sup>21</sup> e se alternavam nas atividades rurais e urbanas na condição de trabalhadores itinerantes<sup>22</sup>. Ao longo do processo de expansão urbana, entre os séculos XIX e XXI, estas atividades agrícolas foram empurradas para fora do município pelo processo de crescimento da população.

Em dados recentes, o município de São Paulo apresenta uma população estimada em 12.106.920 de habitantes, segundo os dados do IBGE, de 2017<sup>23</sup>. Trata-se da maior concentração urbana do país. Seu crescimento entre os séculos XIX e XX sempre chamou a atenção dos cientistas sociais por suas dimensões e impactos sociais, econômicos ou ambientais.

Entretanto, ao pesquisarmos o site do município de São Paulo, descobrimos que em pleno século XXI, em algumas áreas, ainda resistem atividades agropastoris. Segundo Censo Agropecuário publicado pelo IBGE, em 2006, ainda eram produzidos nas áreas rurais do município itens como banana (17 estabelecimentos), café (1 estabelecimento), cana-de-açúcar (14 estabelecimentos – 8 toneladas), feijão (28 estabelecimentos – 3 toneladas), mandioca (43 estabelecimentos – 55 toneladas), milho (15 estabelecimentos – 8 toneladas), 43 estabelecimentos de criação de galinhas (produção de 60 mil ovos por

<sup>20</sup> MELLO, J. M. C. *Op. Cit.* PP. 113.

<sup>21</sup> <http://www.gazetavirtual.com.br/a-familia-marengo-e-a-tradicao-no-cultivo-da-uva/>. Acessado em 19/02/2018. A matéria apresenta a trajetória de duas famílias italianas que se dedicaram ao cultivo de uvas no bairro do Tatuapé: a família Marengo, que introduziu as uvas Niágara no Brasil, e a família Ziccardi, que introduziu a técnica de enxertia no cultivo de uvas.

<sup>22</sup> PINTO, M. I. B. *Op. Cit.* PP. 62.

<sup>23</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acessado em 23/01/2018.



**A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

ano), 19 estabelecimentos de criação de gado bovino (507 cabeças), 4 estabelecimentos de criação de caprinos (60 cabeças), 23 de equinos (119 cabeças), 3 de muares (3 cabeças), 4 de ovinos (123 cabeças), 39 de suínos (3.970 cabeças) e 20 estabelecimentos para a criação de outras aves (66.580 cabeças)<sup>24</sup>.

É importante notar que mesmo com toda expansão urbana verificada entre os séculos XIX e XXI, em 2016, produziu-se em São Paulo 1 tonelada de café, 24 toneladas de caqui, 200 toneladas de cana, 32 toneladas de feijão e 78 toneladas de mandioca<sup>25</sup>.

Em nossa pesquisa, fomos em busca de elementos que atestassem a ocupação das áreas suburbanas e rurais de São Paulo no século XIX. A ocupação do termo e rocio da cidade se acelerou ao longo daquele século. Algumas das fontes consultadas permitem reconhecer um processo de formação de chácaras e fazendas, que posteriormente, foram loteadas para a formação dos bairros. Estas mesmas fontes indicam a presença de uma população de escravos e trabalhadores rurais nestes estabelecimentos, já nas primeiras décadas do século XIX.

Entretanto, é preciso salientar que se trata de pesquisa em andamento, razão pela qual apresentaremos uma amostra daquilo que encontramos nos arquivos até o momento de elaboração deste trabalho.

**Relatos dos viajantes acerca da ocupação das áreas rurais de São Paulo no século XIX**

A historiografia acerca da cidade de São Paulo é ampla e diversificada. A produção documental, também. Para o período estudado, encontramos documentos oficiais e relatos de viajantes, que permitem a construção de um painel interessante de como se deu a partilha das terras das áreas que correspondem na atualidade ao município de São Paulo.

---

<sup>24</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/pesquisa/24/27745>. Acessado em 23/01/2018.

<sup>25</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/pesquisa/14/10193>. Acessado em 23/01/2017.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Cabe destacar, que algumas das cidades que hoje constituem a região metropolitana de São Paulo, também chamada de *Grande São Paulo*, conquistaram sua emancipação em relação ao município de São Paulo, apenas no século XX. Em diversos documentos consultados, estas áreas são descritas como parte do município de São Paulo. Em contrapartida, diversos bairros da zona sul da cidade que fizeram parte do município de Santo Amaro (município emancipado de 1832 à 1935), atualmente são áreas paulistanas.

Ao discutir a história de São Paulo, Alfredo d'Escagnolle Taunay indica que já havia um crescimento populacional na virada do século XVIII para o século XIX que gerou o aumento nas solicitações de concessões territoriais para a Câmara Municipal<sup>26</sup>. Da mesma maneira, Taunay aponta que as autoridades portuguesas tentavam desde 1765, estimular a produção agrícola no município de São Paulo, em especial, de gêneros para o consumo da própria população<sup>27</sup>.

Aparentemente, as iniciativas das autoridades foram bem-sucedidas, uma vez que os relatos produzidos pelos diversos viajantes que passaram por São Paulo em meados do século XIX corroboram aquilo que Singer nos apresentou acerca do perfil rural da cidade para aquele período.

John Mawe, comerciante inglês que visitou São Paulo em 1808, apresenta um relato de como se dava a ocupação dos terrenos adotados para a agricultura nas circunvizinhanças de São Paulo.

“A terra é cedida em grandes lotes, para o devido cultivo; é fácil supor que o valor destes lotes depende, mais ou menos, da sua situação. Assim, o primeiro objetivo do lavrador é encontrar terreno disponível mais próximo possível de uma grande cidade; em segundo lugar, de boas estradas e rios navegáveis. Uma vez fixado o local, recorre ao governador do distrito, que envia os funcionários competentes para demarcar o terreno, geralmente uma légua e meia quadrada, às vezes

---

<sup>26</sup> TAUNAY, A. E. *História da cidade de São Paulo sob o Império*. PP.379. O historiador utiliza o termo balburdia para definir o que ocorria.

<sup>27</sup> TAUNAY, A. E. *História da cidade de São Paulo no século XVIII*. PP. 91.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

mais. O lavrador então adquire o maior número de negros que puder e inicia o trabalho, construindo habitações para eles e si próprio, que são, em geral, choupanas miseráveis, apoiadas em quatro estacas, comumente chamadas ranchos. Ordena aos negros que abatem as árvores e limpem o mato rasteiro que cobre o terreno, na área que julga necessária... Quando já plantada quantidade suficiente para o consumo da fazenda, o dono, se é bastante rico, arranja meios de cultivar a cana e preparar o açúcar”<sup>28</sup>.

Mawe indica que “nos arredores da cidade, vive certo número de índios crioulos, que fabricam louça de barro para a cozinha, grandes jarros de água e uma variedade de outros utensílios, ornamentados com algum gosto”<sup>29</sup>.

O relato de Mawe apresenta ao menos três aspectos importantes: primeiro, porque descreve itens de produção das áreas que circundavam a cidade de São Paulo, algo que aparece nos demais viajantes. Existe o cultivo de subsistência, assim como a lavoura de açúcar e o trabalho escravo.

Segundo, por apresentar como se dava a distribuição do solo aos que quisessem cultivá-lo. Escolha e ocupação do terreno, para depois se obter a demarcação junto às autoridades.

Terceiro, porque apresenta uma descrição, que nos parece mais crítica em relação ao avistado nos arredores de São Paulo, quando comparado com os demais viajantes.

Afirma que a região apresentava solo fértil, o que poderia ser avaliado pelo volume de produtos que abarrotavam o mercado, mas que os melhoramentos adotados em outros países para o desenvolvimento da agricultura demoraram em ser inseridos no Brasil, porque se considerava a atividade agrícola como inferior à atividade mineradora<sup>30</sup>.

Enquanto Saint-Hilaire chega a comparar a paisagem encontrada nos arredores do Pico do Jaraguá com as paisagens encontradas na Europa, indicando-lhe características de civilização e desenvolvimento, Mawe é bem crítico em relação ao que visualiza.

---

<sup>28</sup> MAWE, J. *Viagens ao interior do Brasil*. PP. 66 – 67.

<sup>29</sup> MAWE, J. *Viagens ao interior do Brasil*. PP. 66.

<sup>30</sup> *Idem*. PP. 66.



**A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Afirma que os fazendeiros são descuidados no trato com o gado, que não estocam sua produção de maneira adequada<sup>31</sup>, as casas dos lavradores são miseráveis, as cozinhas são imundas (inclusive das pessoas abastadas)<sup>32</sup>.

Auguste de Saint-Hilaire, em sua visita à São Paulo avistou lavoura de arroz, feijão, milho, mandioca, chá, café, algodão, fumo, legumes, frutas (pêssegos, abricós, ameixas, maçãs, peras, laranjas, pitangas, abacaxi e jabuticabas), criação de gado, porco, burros, carneiros e cavalo (a que ele deu certo destaque)<sup>33</sup>.

Quando de sua chegada, indicou a presença de uma chácara no entorno do rio Tietê onde o café era cultivado<sup>34</sup>.

Os viajantes Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix visitaram a cidade de São Paulo entre 1817 e 1818 e afirmaram que “a parte restante (da população), que ficou esquecendo felizmente a riqueza de ouro sob os seus pés, dedica-se toda à criação de gado e à lavoura”<sup>35</sup>. Indicam que na própria capital existia a falta de meio circulante, com a valorização da produção de manadas no lugar do dinheiro e de objetos de luxo oriundos da Europa<sup>36</sup>.

Os viajantes estabeleceram relação entre o cultivo de amoras, que se adaptaram bem ao clima da cidade, com a criação do bicho-da-seda iniciada pelo Bispo Dom Mateus de Abreu Pereira, em sua chácara nos arredores de São Paulo<sup>37</sup>.

Indicaram o cultivo de frutas nacionais como goiaba, guabiroba, grumixama, jabuticaba e caju; frutas exóticas como melancia, laranja, figos e uvas (estas de má qualidade, segundo o relato), assim como castanhas e nozes. Indicam a presença de

---

<sup>31</sup> *Idem*. PP. 67.

<sup>32</sup> *Idem*. PP. 67 – 68.

<sup>33</sup> *Idem*. PP. 148 e 149.

<sup>34</sup> *Idem*. PP. 120.

<sup>35</sup> SPIX, J. B. von E MARTIUS, K. F. P. von. *Viagem pelo Brasil*. Tomo I. PP. 153.

<sup>36</sup> *Idem*. PP. 151.

<sup>37</sup> *Idem*. PP. 152.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

hortaliças europeias, sem mencionar quais seriam, apenas destacando a qualidade da cebola produzida na cidade.

Ao descreverem as condições geológicas da cidade, indicam a presença de quartzo branco e de granito gnáissico, utilizados para o calçamento das ruas da cidade. E por fim, registram a presença de grande quantidade de argila de diversas cores (tijolo, parda, vermelha, amarela de oca e azulada)<sup>38</sup>.

Quando deixaram a cidade em direção da Fábrica de Ferro São João de Ipanema, pegaram uma estrada que cruzava terreno montanhoso, que em parte era cultivado, tendo à direita, o Morro do Jaraguá, então propriedade do governador da província Franca e Horta, onde no passado, houve exploração de ouro<sup>39</sup>.

Daniel P. Kidder, em suas reminiscências acerca da viagem à São Paulo descreve uma excursão que realizou ao Pico do Jaraguá, que então fazia parte de uma fazenda que pertencia à uma senhora de nome Gertrudes (pelos relatos de Mawe, Spix e Martius, o Pico do Jaraguá pertencia ao governador Franca e Horta).

Em documento que consta na Coleção de Mário de Andrade do IEB-USP, intitulado “A planta mais antiga de São Paulo”, encontramos a informação de que se tratava de Gertrudes Maria de Annuniação, sogra do capitão Rufino José Felizardo e Silva, engenheiro militar que serviu como diretor da Fábrica de Ferro São João de Ipanema entre 1821 e 1824. A família era dona de inúmeras fazendas em São Paulo, na região de Pinheiros e do Pico do Jaraguá<sup>40</sup>.

O mesmo documento afirma que Felizardo e Silva vendeu parte de sua fazenda e de seu plantel de escravos no Pico do Jaraguá, para o governador Franca e Horta, em 1802.

Segundo Kidder, Gertrudes Maria da Annuniação possuía outras seis fazendas, duas das quais mais próximas à cidade de São Paulo (Kidder se referia às de Pinheiros?),

---

<sup>38</sup> *Idem*. PP. 153.

<sup>39</sup> *Idem*. PP. 165 – 166.

<sup>40</sup> *A planta mais antiga de São Paulo*. IEB – USP. Coleção Mário de Andrade.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Strepco**

“todas dotadas de competente número de escravos, cavalos, mulas etc”.<sup>41</sup> Chá, café, açúcar, leite, arroz, frutas, legumes e carnes servidos no almoço foram produzidos nas propriedades da anfitriã<sup>42</sup>. Ao redor da sede da fazenda na região do Pico do Jaraguá havia a senzala, armazéns e um engenho destinado à produção de aguardente<sup>43</sup>. Kidder indica que a fazenda também produzia farinha de mandioca<sup>44</sup> e que Gertrudes Maria da Anunciação tinha outra fazenda no Ipiranga, onde produzia pêssegos, maçãs e outras frutas, que eram vendidas na cidade de São Paulo<sup>45</sup>.

No caminho de volta para São Paulo, Kidder visitou a plantação de chá do Coronel Anastácio de Freitas Trancoso. O autor indica a presença de plantações semelhantes em outras áreas da cidade<sup>46</sup>. Na propriedade, o viajante encontrou o cultivo de mandioca, cana-de-açúcar, banana, café e algodão. Pôde provar, também, de um vinho produzido com uvas cultivadas na propriedade<sup>47</sup>.

Quando visitou um joalheiro francês que vivia na Penha, Kidder encontrou produção de arroz, criação de carneiros e o cultivo de jabuticabas. Às margens do rio Pinheiros, o autor aponta a existência de uma fazenda pertencente ao Dr. Brotero, onde pode apreciar alguns cachos de uva<sup>48</sup>.

### **Os quadros estatísticos elaborados nos séculos XIX e XX.**

Além dos relatos dos viajantes, dos registros encontrados pelos autores mencionados, temos tentado encontrar registros estatísticos acerca da produção agropastoril em São Paulo.

O primeiro trabalho encontrado, em decorrência da pesquisa com os viajantes, foi o relatório produzido em 1838, por Daniel P. Muller, que indicou que a cidade de São

---

<sup>41</sup> KIDDER, D. P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil*. PP. 212.

<sup>42</sup> *Idem*. PP. 213.

<sup>43</sup> *Idem*. PP.215 – 216.

<sup>44</sup> *Idem*. PP.219.

<sup>45</sup> *Idem*. PP. 270.

<sup>46</sup> *Idem*. PP. 226 -227.

<sup>47</sup> *Idem*. PP. 227.

<sup>48</sup> *Idem*. PP. 254.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Paulo havia produzido 879 arrobas de café, 2.197 canadas<sup>49</sup> de aguardente, 2.096 alqueires de mandioca, 10.292 alqueires de farinha de mandioca, 4.368 alqueires<sup>50</sup> de feijão, 45.583 alqueires de milho, 4 medidas de azeite de amendoim, 342 arrobas<sup>51</sup> de fumo, 540 arrobas de algodão em rama, 191 porcos, 1617 cavalos, 264 mulas, 901 vacas/bois, 494 ovelhas, 660 libras de chá e 80.000 telhas<sup>52</sup>. Muller indicou a existência de pequenos engenhos de destilar aguardente, 24 fazendas de criar e três fazendas de café<sup>53</sup>.

No quadro estatístico onde apresenta as artes e ofícios, Muller informa a existência de 38 oleiros<sup>54</sup>.

Curiosamente, as fontes que consultamos para a virada do século XIX para o século XX, silenciam acerca da questão. O *Almanaque do Estado de São Paulo*, de 1896, e o *Almanaque Agrícola Brasileiro*, de 1912, não apresentam qualquer informação acerca de produção agrícola no município de São Paulo.

Nos dois documentos, encontramos apenas informações lacunares acerca da produção de cana-de-açúcar em cidades vizinhas, sem qualquer registro ou estatísticas de volumes de produção.

O Almanaque de 1896, foi publicado por Canuto Thorman com informações acerca das atividades administrativas, comerciais e industriais do Estado de São Paulo. Tratava-se da décima atualização de uma obra que ele realizava há alguns anos, com o apoio de diversas Câmaras Municipais, tentando indicar em um livro, todas as atividades econômicas do Estado de São Paulo<sup>55</sup>.

---

<sup>49</sup> SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à província de São Paulo*. PP. 148. O autor informa que a canada corresponde a 4.180 litros.

<sup>50</sup> *Idem*. PP. 148. O autor informa que o alqueire equivale a 40 litros.

<sup>51</sup> *Idem*. PP. 148. O autor informa que a arroba equivale a 14.785 kg.

<sup>52</sup> MULLER, Daniel P. *São Paulo em 1836. Ensaio estatístico da província de São Paulo*. PP. 125.

<sup>53</sup> *Idem*. PP. 130.

<sup>54</sup> *Idem*. PP. 243.

<sup>55</sup> THORMAN, Canuto. *O Completo Almanak Administrativo, Commercial e profissional do Estado de São Paulo para 1896 contendo todos os municípios e districtos de paz, reorganizado por Canuto Thorman*. PP. 5





## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Ao analisar os dados acerca da agricultura para a cidade de São Paulo, não encontramos qualquer informação para esta prática na cidade de São Paulo, nos volumes de 1895 e 1896. E para diversos municípios e vilas dos arredores, não há qualquer referência às atividades agropastoris, exceto pela indicação da existência de lavradores e criadores, sem qualquer referência acerca do tipo de criação.

Apenas na apresentação das atividades econômicas de algumas das cidades e vilas vizinhas à São Paulo, encontramos algumas pistas acerca da produção de alimentos que se destinavam à cidade de São Paulo.

Assim, Thorman indica que no ano de 1896, a Villa (sic) de São Bernardo produzia uva, milho, feijão, mandioca e batata<sup>56</sup>. A Villa (sic) de Santo Amaro produzia madeira de construção (indicada como principal atividade local), cultivo de cereais, fabrico de farinha de milho e de mandioca, além de uma fazenda produtora de uva<sup>57</sup>. Para Parnahyba, o autor indica a existência de *moendas de canna* (sic) e moinhos para fubá, indica nomes de lavradores e criadores, mas não menciona as culturas e animais<sup>58</sup>. Itapecerica cultivava cana e fabricava aguardente e vinho<sup>59</sup> e no distrito de MBoy, havia um engenho de aguardente em atividade<sup>60</sup>.

Em documento elaborado pela Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, entre 1931 e 1932, a produção agrícola do município foi: “feijão 1.108 saccos, milho 13.382 saccos, batatas 420.446 arrobas, aguardente 333.000 litros, vinho 16.700 litros, laranja 867.619 caixas, limão 307.888 caixas, banana 115.895 cachos, abacaxi 228.880 fructos, pera 515.905 caixas, abacate 44.152 caixas, uva 552.241 kilos. Área em pastagens 1.479 alqueires”<sup>61</sup>.

---

<sup>56</sup> THORMAN, Canuto. *O Completo Almanak Administrativo, Commercial e profissional do Estado de São Paulo para 1896 contendo todos os municípios e districtos de paz, reorganizado por Canuto Thorman*. PP. 471

<sup>57</sup> *Idem*. PP. 468

<sup>58</sup> *Idem*. PP. 466 - 467

<sup>59</sup> *Idem*. PP. 463.

<sup>60</sup> *Idem*. PP. 464

<sup>61</sup> A capital de S. Paulo em 1933. Separata do volume “Os municípios do Estado de S. Paulo”. P.14



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Se não tivéssemos as fontes apresentadas por Carlos José Ferreira dos Santos e Maria Inez Borges Pinto e os relatos dos memorialistas, ficaríamos tentados a pensar que no período de início da República, a produção agrícola das áreas suburbanas e rurais de São Paulo havia desaparecido. Acreditamos que a pesquisa em outras fontes nos indicará pistas acerca do silêncio destas duas fontes, que se propunham a levantar todos os tipos de atividade produtiva existente nas cidades mencionadas.

Alice P. Canabrava, ao pesquisar as chácaras paulistanas entre 1885 e 1890 corrobora a visão de Wilhelm acerca do uso de um critério agrícola para valorização dos terrenos das antigas chácaras paulistanas ao afirmar que “essas observações gerais sobre o aproveitamento dos terrenos das antigas chácaras paulistanas mostram que a atividade agrícola, se era incipiente ou bem desenvolvida, era tida como elemento mais importante na valorização daquele tipo de propriedade”<sup>62</sup>, uma vez que permitia o abastecimento da família moradora com determinados gêneros cultivados no próprio quintal.

### **Considerações finais**

Em *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto indicam que o maior ou menor êxito das economias nacionais que se formaram na América Latina ao longo do século XIX dependia da disponibilidade de um produto primário exportador, abundante mão-de-obra e disponibilidade de terras apropriáveis, sendo estes dois últimos itens essenciais para a formação de capitais.

Segundo os autores,

“assegurar a apropriação de terras e o domínio da mão-de-obra - por meio da escravidão, da imigração ou, nas antigas colônias mais densamente povoadas, opondo obstáculos à integração da maioria dos

---

<sup>62</sup> CANABRAVA, A. P. História econômica: estudos e pesquisas. P. 263.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

colonos ao sistema de propriedade – constituía o problema básico para os grupos locais dominantes”<sup>63</sup>.

Este processo de apropriação de terras esteve em curso na cidade de São Paulo, ao longo do século XIX e gerou uma ampla concentração fundiária no município, situação que permitiu a estocagem de terras quando se deu o crescimento demográfico e se percebeu o potencial econômico que os loteamentos ofereciam aos loteadores.

Aparentemente, houve relação entre o processo especulativo dos terrenos paulistanos e o seu potencial agropastoril. As informações trazidas por alguns pesquisadores deixam esta relação evidente para o século XIX. As reflexões de Canabrava e Wilhelm nos levam a pensar sobre a existência de atividades agropastoris nos terrenos que foram *estocados*<sup>64</sup> para o processo especulativo que gerou o *padrão periférico de urbanização*.

Entretanto, a maneira como os grupos mais pobres atuaram diante dos desafios trazidos por este processo especulativo ainda não está claro, em especial quando ocorre a industrialização. Maria Odila Leite da Silva Dias chama a atenção para o fato da historiografia dar pouco enfoque aos aspectos da urbanização paulistana e de outras vilas, que no período derradeiro da escravidão e de expansão do café acolhiam os empobrecidos das áreas rurais, escravos fugidos e sitiados despojados<sup>65</sup>.

A formação de bairros africanos ou negros se manifestou em São Paulo nas últimas décadas do século XIX, mas foi descaracterizada pela expansão física da cidade e a transformação de algumas áreas em bairros para a burguesia ou pela chegada de imigrantes que passaram a compartilhar estes espaços<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> CARDOS, F. H. 7 FALETTO, E. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. PP. 60 -61.

<sup>64</sup> GROSTEIN, Marta D. *Op. Cit.* A expressão é utilizada pela autora ao longo de sua reflexão acerca do processo de ocupação dos terrenos de São Paulo.

<sup>65</sup> PINTO, M. I. B. *Op. Cit.* P. 19.

<sup>66</sup> WISENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas*. P. 153.



## **A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

Boa parte desta população, entretanto, foi absorvida pelo processo urbano e convertida em proletariado, no decorrer do século XX, contribuindo para a formação do padrão periférico de urbanização que notabiliza a cidade de São Paulo na atualidade.

Já em inícios do século XX, quando a população crescia de maneira acelerada, amplos contingentes de trabalhadores recorriam aos pequenos expedientes eventuais e incertos, para sobreviver. Havia uma diferença brutal entre o crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico das atividades econômicas da cidade, que gerava uma massa de desempregados e trabalhadores temporários<sup>67</sup>.

As fontes indicam que desde o início da expansão urbana e da industrialização, havia um descompasso entre os salários pagos aos trabalhadores e o custo de vida que gerava carestia de bens de consumo básicos<sup>68</sup> e a impossibilidade de assegurar moradia digna para esta parcela da população.

A percepção de Bolaffi acerca da existência de um modelo econômico que gerava carências de toda ordem, não apenas habitacional<sup>69</sup>, sinaliza a importância dessa produção agrícola que quase desapareceu no processo de expansão urbana de São Paulo, na segunda metade do século XX.

A atuação de um número expressivo de hortigranjeiros, que concentrava produção e comércio, assim como a existência de quintais e adjacências, de onde se obtinha a subsistência de parcela da população e um pequeno excedente comercializado ajudaram a mitigar a carestia indicada pelas fontes. E na medida, em que se dava o adensamento populacional, estas áreas foram ocupadas pelo padrão periférico de urbanização, o que reduziu drasticamente a capacidade dos grupos populares da cidade de obterem subsistência a partir das práticas tradicionais de seus antepassados.

---

<sup>67</sup> PINTO, M. I. B. *Op. Cit.* P. 30.

<sup>68</sup> *Idem.* P. 75. A autora apresenta um relato do periódico *A Província de S. Paulo*, de 1º de dezembro de 1889, em que se discute a questão da carestia. Para a questão da habitação, combinada à carestia, a autora apresenta diversos números do periódico proletário *La Bataglia*, um relatório da Federação Operária de Santos e diversos artigos do periódico *Correio Paulistano*. PP.77-79

<sup>69</sup> BOLAFFI, G. Habitação e urbanismo: O problema e o falso problema. (In:). MARICATO, E. *Op. Cit.* P. 52.



**A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

**Referências**

IEB – USP:

*A capital de S. Paulo em 1933*. Separata do volume “Os municípios do Estado de S. Paulo”. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio do Estado de São Paulo, 1934. Coleção Ernani Silva Bruno. IEB – USP.

*Almanaque do Estado de São Paulo*. 1896. Coleção João Fernando de Almeida Prado. IEB – USP.

*A planta mais antiga de S. Paulo (1810)*. Coleção Mário de Andrade. IEB-USP

*Boletim Agrícola Brasileiro (1912)*. Coleção João Fernando de Almeida Prado. IEB – USP.

<http://www.gazetavirtual.com.br/a-familia-marengo-e-a-tradicao-no-cultivo-da-uva/>. Acessado em 19/02/2018.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acessado em 23/01/2018.

**Bibliografia**

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895 – 1915)*. São Paulo, Carrenho Editorial/Narrativa-Um/Carbono 14, 2ª edição, 2004.

BOLAFFI, G. Habitação e urbanismo: O problema e o falso problema. (In:). MARICATO, E. *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa Ômega, 2ª edição, 1982.

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo, Estação Liberdade, 2013.



**A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

CARDOSO, Fernando Henrique & FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 8ª edição, 2004.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 3ª edição, 1990.

GROSTEIN, Marta D. *Cidade clandestina. Os ritos e os mitos; o papel da "irregularidade" na estruturação do espaço urbano no município de São Paulo (1900-1987)*. Tese de doutorado – FAU/USP, São Paulo, 1987.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil*. Rio de Janeiro e Província de São Paulo. Compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo Horizonte / São Paulo, Itatiaia / Edusp, 1980.

MARICATO, E (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa Ômega, 2ª edição, 1982.

MAWE, J. *Viagens ao interior do Brasil*. Itatiaia/Edusp, Belo Horizonte/São Paulo, 1981.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MULLER, D. P. *São Paulo em 1836. Ensaio estatístico da província de São Paulo*. São Paulo, Typographia de Costa Silveira, 1838.

PINTO, Maria Inez Borges. *Cotidiano e sobrevivência*. Edusp, São Paulo, 1994.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.



**A Formação Do Padrão Periférico De Urbanização A Partir Da Transição Rural-Urbana Da Cidade De São Paulo Entre Os Séculos XIX E XX – João Paulo França Streapco**

SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Tomo I. São Paulo, Melhoramentos, 1938.

TAUNAY, Affonso de E. *História da cidade de São Paulo sob o Império*. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, 1956.

.....*História da cidade de São Paulo no século XVIII*. Volume II (1765 – 1801) 2ª parte. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, 1951.

SILVA, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano. São Paulo e pobreza (1890 – 1915)*. São Paulo, Annablume, 3ª edição, 2008.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana. Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo, Edusp, 1968.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas. Escravos e forros em São Paulo (1850 – 1880)*. São Paulo, Hucitec, 1998.